

A MISSÃO AD EXTRA

sair dos próprios esquemas culturais e religiosos

de Rafael López Villaseñor
rafamx65@gmail.com

RESUMO: Este ensaio tem por finalidade refletir a teologia da missão, tendo como eixo central o ad extra, enquanto êxodo e saída, não apenas geográfica, mas também dos próprios esquemas de pensamento, em um processo de inculturação. Porém, qual é o sentido da missão ad extra e ad gentes em um mundo globalizado? O que significa na atualidade sair além-fronteiras? Questões que nos levam a pensar que a missão mudou e que indagam a reflexão. É necessário repensar a teologia da missão. Neste sentido, o artigo desenvolve três pontos, primeiramente parte da reflexão da teologia da missão, ela vem de Deus, a origem é a própria Trindade. Em seguida, se aborda a temática da missão ad gentes como diálogo cultural e religioso, saindo dos próprios esquemas culturais de pensamento, em um processo de inculturação. Enfim, a missão ad extra se vivencia, como no êxodo, em um processo de saída em direção aos povos e culturas, como missão universal, privilegiando os lugares onde a vida está mais ameaçada.

ABSTRACT: The finality of this essay is to reflect on the theology of mission, having as its central axis the mission ad extra, as an exodus and an exit, not only geographic, but also from one's own schemes of thought, in a process of inculturation. But what is the meaning of the mission ad extra and ad gentes in a globalized world? What does it mean to go out across borders today? These are questions that lead us to think that the mission has changed and that call for reflection. It is necessary to rethink the theology of mission. In this sense, the article develops three points, first part of the reflection of the theology of mission, it comes from God, the origin is the Trinity itself. Then, the theme of the mission ad gentes as a cultural and religious dialogue is addressed, leaving the cultural schemes of thought themselves, in a process of inculturation. In short, the ad extra mission is experienced as in the exodus in a process of going out towards peoples and cultures, as a universal mission, privileging the places where life is most threatened.

INTRODUÇÃO

O Papa Francisco nos ensina que a missão é “*sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas, não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido em defesa da vida envolve a imagem de Deus*” (EG 46): sair de si mesmo para entrar na cultura e na casa do outro como hospede, para os lugares onde a vida está ameaçada. A missão, porém, não envolve somente uma imagem abstrata de Deus, que se encarnou no mundo em Jesus de Nazaré, mas é concreta e histórica, que levam para novas relações de vida. A missão é relacional e multidimensional como as pessoas e os grupos sociais, por isso universal. De acordo com os interlocutores, ela necessita mudar o discurso, a metodologia, as prioridades. A prática missionária, além de ser universal e contextual, é específica dentro de uma cultura e povo.

Ao longo deste ensaio é apresentado a missão *ad extra* como eixo central do texto, porém, o que entendemos por missão na atualidade? Será que ainda tem sentido falar da missão *ad extra* em um mundo globalizado? Qual é hoje o significado da missão *ad gentes*? Faz sentido a saída geográfica, quando não se é capaz de sair dos esquemas culturais e religiosos?

Para responder a essas questões apresentamos três eixos: primeiro, sublinhamos a missão como obra de Deus que antecede a qualquer ação da Igreja, e que se encontra presente e atuante nas culturas; em seguida é abordada a temática da missão *ad gentes* como diálogo cultural e religioso saindo dos próprios esquemas culturais, religiosos e de pensamento, em um processo de inculturação; enfim, a missão é êxodo e saída não apenas geográfica, mas também dos próprios esquemas de pensamento no processo de inculturação sendo hospede da casa do outro.

A ORIGEM DA MISSÃO É O PRÓPRIO DEUS

A missão faz parte da história da Igreja, foi feita de acertos e erros, luzes e trevas. Para Paulo Suess (1995) “*nas sandálias dos missionários há poeira e sangue. A inculturação bem-sucedida de*

ontem, hoje pode representar um peso morto” porque a missão se transforma. Olhando a missão a partir dos destinatários, nas palavras de dom Desmond Mpilo Tutu, bispo anglicano da África do Sul e prêmio Nobel da Paz em 1984, a missão significou que *“quando os missionários chegaram, eles tinham a Bíblia e nós tínhamos a terra. Pediram-nos para rezar e fechamos os olhos. Quando os abrimos de novo, nós tínhamos a Bíblia e eles a terra”*.

A Igreja com seus acertos e apesar dos erros, tem como meta a construção do Reino de Deus, da justiça, solidariedade, misericórdia e paz. A Igreja não é fim a si mesma, mas está a serviço da missão e do Reino, do qual é princípio, sinal e instrumento (RMI 18). Portanto, todo o trabalho missionário é pelo Reino, por isso para fazer acontecer o Reino a Igreja se põe em estado permanentemente de missão. A missão da Igreja emerge da origem e estrutura trinitária com a finalidade de defender a plenitude da vida de cada pessoa, que ultrapassam todas as fronteiras geográficas, étnicas e culturais, isto é a missão é universal. A vida é absoluta como é o próprio Deus, nesse sentido, *“a teologia da missão é intimamente dependente de uma teologia da salvação”* (GEFFRÉ, 2013, p. 304). Também a encíclica Redemptoris Missio (RMI 18) expressa de forma clara que o Reino de Deus é uma realidade mais ampla que a Igreja.

A estrutura missionária da Igreja é trinitária, porque ela é *“Povo de Deus”, “Corpo do Senhor” e “Templo do Espírito Santo”* (LG 17). Povo de Deus significa que é povo eleito por Deus. A eleição não constitui “exclusividade”, mas “universalidade”, porque a missão vem de Deus, pois Deus é amor, um amor que não se contém, que transborda, que se comunica, que sai de si já com a criação do mundo, com a história da salvação, para reintegrar as criaturas na vida plena do Reino. Esse transbordar histórico da Trindade Imanente foi chamado de Trindade histórico-salvífica, que configura a missão de Deus. Deus é missão, a missão existe com Deus (RASCHIETTI, 2011, p. 11-12). Entretanto, o Espírito Santo é o *“protagonista da Missão”* (RMI 21). Jesus diz aos seus discípulos: *“Recebereis a força do Espírito Santo e sereis minhas testemunhas até os confins do mundo”* (At 1,8). O Espírito

na Igreja anima a missionariedade e faz os apóstolos decididos e valentes como Pedro (cf. At 4,13) e Paulo (cf. At 13,9), indica os lugares que devem ser evangelizados e escolhe aqueles que devem fazê-lo (cf. At 13,2). Portanto, a missão é obra de Deus, antecede qualquer ação da Igreja que se encontra presente e atuante nas culturas e entre os povos (cf. AG 9).

A Igreja missionária é comunidade constituída por comunidades que lutam pela vida a partir da fé. Todavia, não é a missão que procede da Igreja, mas é a Igreja que procede da missão de Deus. A atividade missionária não é apenas uma ação da Igreja, mas é simplesmente a Igreja em ação (RASCHIETTI, 2011, p. 12). De acordo com Moltmann, (1978, p. 26) *“não é uma igreja que tem uma missão, mas ao contrário, é na missão de Cristo que se cria a Igreja. Não é uma missão que deve ser compreendida a partir da Igreja, mas o contrário”*. Decorre de sua origem e estrutura trinitária. *“A Igreja peregrina é, por natureza, missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai”* (AG 2). Inclusive, no prefácio do decreto *ad gentes* se relaciona a missionariedade da Igreja com a sua catolicidade. A Igreja deixa de ser católica se não for missionária: *“enviada por Deus a todos os povos para ser sacramento universal de salvação, por exigência íntima de sua catolicidade e obedecendo ao mandato do seu Fundador (cf. Mc 16,16), esforça-se por anunciar o Evangelho a todos os povos”* (AG 1).

A missão é a essência da Igreja. Não pode ser separada. A razão de ser da missão é uma só, ou seja, que todos os homens sejam salvos em Cristo, único mediador (cf. 1Tm 2,4) e visa a que todos formem um só Povo de Deus, se unam num só Corpo de Cristo e edifiquem um só Templo do Espírito (AG 7). A Missão é o próprio agir de Deus na história (AG 9) e deve ser cumprida para defender a vida, feita segundo a imagem de Deus. A vida não pode ser defendida por deuses ou ídolos que combatem entre si, nem por ídolos projetados pelo sistema opressor. Ao afirmar a universalidade da missão, vamos na contramão das exclusividades de contextos, sistemas e grupos humanos fechados: por isso, todo o gênero humano é chamado a constituir-se Povo de Deus

para restaurar o mundo em Jesus Cristo (cf. LG 1; 3; 28; AG 4). Os projetos históricos dos povos estão relacionados ao projeto do Reino de Deus.

A missão da Igreja no mundo é fazer presente o Deus da Vida para que a humanidade tenha vida em abundância; convocar para a libertação do mundo. A missão não pode ter apenas uma linha eclesial, também não deve ser um departamento pastoral, mas fonte e princípio de vida plena (SUESS, 1995). Assim, a pastoral e a ação evangelizadora são chamadas a apresentar uma íntima analogia com a missão *ad gentes*. Neste sentido afirma-se que “*o Espírito Santo é o protagonista de toda a missão eclesial*” (RMi 21). Ele rejuvenesce, purifica e renova a Igreja (cf. LG 4). A necessidade da Igreja na ordem de salvação universal afirma-se, através das expressões: “*sacramento universal de salvação*” (LG 48), “*sinai é instrumento de salvação*”. De tal modo que, Deus quer que toda a humanidade seja salva e chegue ao conhecimento da verdade.

A MISSÃO COMO DIÁLOGO CULTURAL E RELIGIOSO

A missão *ad gentes* não pode ser caracterizada apenas pela distância ou pela saída geográfica *ad extra*, embora faça parte e indique também um sair; mas de maneira especial deve ser uma saída dos próprios esquemas culturais, religiosos e de pensamento, em um processo de inculturação. Transcende as fronteiras geográficas e aparece em todos os continentes a tal ponto que a missão pode ser realizada em qualquer lugar. Além disso, o Papa Francisco afirma, “*a atividade missionária é o paradigma de toda obra da Igreja*” (EG 15). “*Sem a missão ad gentes, a própria dimensão missionária da Igreja ficaria privada de seu significado fundamental e de seu exemplo de atuação*” (RMi 34).

A missão *ad gentes* se caracteriza, em especial, pela distância cultural e religiosa. Acontece através do diálogo com os que têm outras crenças ou não acreditam em Deus. A emergência do pluralismo religioso e cultural convida a Igreja a repensar a própria identidade e a atividade missionária. Não é possível ignorar o pluralismo de formas de ver e compreender a realidade cultu-

ral, religiosa e social no mundo globalizado. O diálogo aposta na possibilidade da renovação das relações interreligiosas pelo encontro, por meio de um conjunto de relações interreligiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outras confissões religiosas, para um mútuo conhecimento e um recíproco enriquecimento. Este relacionamento interreligioso acontece com as pessoas que estão enraizadas e compromissadas com a própria fé, mas igualmente disponíveis ao aprendizado com a diferença.

O diálogo interreligioso necessita ser uma opção missionária, uma atitude permanente frente ao pluralismo religioso. Claro que Deus é sempre maior do que a nossa compreensão. As religiões não cristãs, também desempenham um papel salvífico. Para que aconteça é necessário o diálogo interreligioso e intercultural no mútuo respeito e conhecimento. Quando se experimentam os valores de uma religião e de uma cultura, entende-se melhor a inculturação, que é uma arte integral da comunicação do Evangelho, para que a mensagem seja transmitida integralmente. A cultura é cada vez mais válida para a reflexão sobre a fé, e precisa usar sua própria lente para interpretar as Escrituras, formulações doutrinárias, práticas éticas e costumes litúrgicos. A fé cristã precisa estar envolvida no contexto cultural e espiritual dos povos originários (cf. VILLASEÑOR, 2020).

No entanto, a missão *ad gentes* orienta para a evangelização dos “*povos, grupos humanos, contextos socioculturais, onde Cristo e o seu Evangelho não são conhecidos, ou onde faltam comunidades cristãs suficientemente maduras para poderem encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos*” (RMI 33). Todavia, na mentalidade da cristandade, a missão *ad gentes* coincidiu com a missão além-fronteiras. O Vaticano II fornece alguns critérios para identificar os destinatários da missão que hoje são bastante questionáveis, como o desconhecimento de Cristo e a vivência fora da Igreja. Inclusive a missão *ad gentes* necessita ser ecumênica visando o *ad intra* à unidade dos cristãos e o *ad extra* somar forças nas grandes questões não confessionais que hoje atormentam a humanidade como a paz, a justiça, a diversidade cultural, a nova ordem mundial, a ecologia, as futuras gerações, entre outros (SUESS, 1995).

A missão deve ser respeitosa e encontrar a “*semente do Verbo*” (AG 11; LG 17) entre os interlocutores, que se encontram entrelaçadas nas culturas dos respectivos povos, uma “*preparação evangélica*” (LG 16) e por uma “*pedagogia de Deus para Cristo*” (AG 3). Porém, de acordo com os documentos eclesiais, a Igreja tem o dever “*de pregar o Evangelho a todos os que ainda se achem fora*” (AG 6) dela e “*não creem em Cristo*” (AG 20). Também a *Redemptoris Missio* define a missão *ad gentes* como evangelização dos que “*ainda não conhecem Cristo Redentor*” (RMi 31). Porém, no mundo globalizado, dificilmente alguém nunca ouviu falar de Jesus ou não teve acesso à doutrina do cristianismo. Com a globalização do mundo, mercados, capitais, e meios de comunicação, as fronteiras geográficas perderam importância, tudo está interligado. Existem novas fronteiras, culturais e sociais, que atravessam quase todos os países. Para o papa Bento XVI o cristianismo não é apenas uma “boa nova”, ou uma comunicação de conteúdos ignorados. Em linguagem atual, se diria: “*a mensagem cristã não era só ‘informativa’, mas ‘performativa’. Significa que o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera fatos e muda a vida*” (SS 2). Neste sentido, o novo cenário de “missão além-fronteiras” os cristãos vivem a mística do caminho, da caminhada, do seguimento, do despojamento e os desafios da alteridade. A missão precisa, em vista de seus interlocutores, elaborar as prioridades contextualizadas, com uma metodologia própria e conteúdos específicos inculturados.

A MISSÃO COMO SAÍDA E ÊXODO

A missão *ad extra* nos coloca a caminho do êxodo, em saída, a Palavra de Deus, aparece constantemente no dinamismo de saída, que Deus quer provocar em todo batizado, como discípulo missionário. A missão é vivida numa dinâmica de êxodo e de dom. Na Bíblia, Abraão aceitou a chamada para sair rumo a uma nova terra (Gn 12,1-3). Também o próprio Moisés ouviu a chamada de Deus: “*Vai; Eu te envio*” (Ex 3,10), e ele fez sair o povo rumo a terra prometida (Ex 3,17). Ao profeta Jeremias Deus lhe disse: “*Irás aonde Eu te enviar*” (Jr 1,7). Jonas embora queira fugir, Deus

o envia para Nínive a contragosto (Jn 1,1-2). Também, hoje todos somos chamados a uma nova saída missionária, como discípulos missionários. “*Sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho*” (EG 20). No entanto, mesmo não sendo fácil “*sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além*” (EG 21), “*sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem*” (EG 80).

A saída missionária nos paradigmas *ad extra*, *ad gentes* e *ad vitam* caminham juntos e não esgotam a missão, mas exaltam a sua urgência, universalidade e radicalidade missionária. Todavia, o *ad extra* indica a missão na sua radicalidade e especificidade, “*se exerce em territórios e grupos humanos bem delimitados*” (RMi 37), e que “*um contexto culturalmente não-cristão representa um desafio bem mais complexo e de primária importância em relação a outros já marcados por uma tradição cristã*” (RASCHIETTI, 2011, p. 28). Atualmente, existe progressivamente a consciência da influência do empreendimento colonial na visão da missão, neste sentido, na reflexão teológica há um esforço para a decolonização. Um grande esforço está em andamento, na reflexão e na prática, para se livrar da visão colonial.

O cristianismo desde suas origens saiu em missão. Porém, no século IV se tornou a religião lícita do Império Romano, sendo a religião oficial do estado considerada a única “*arca da salvação*”, fora da qual a humanidade se perdia. Cipriano de Cartago em 258, afirmava “*extra ecclesiam nulla salus*”. A problemática principal para a igreja e para a teologia era a questão da salvação dos outros povos em Jesus Cristo, de aí a necessidade da missão como saída “*ad extra*” e como “*plantatio Ecclesiae*”. Os missionários tinham muito claro que todo aquele que não tivesse chegado à fé explicita em Jesus Cristo não poderia ser salvo de forma alguma (DUPUIS, 2004, p. 19-20). De fato, Igreja reivindicou a universalidade da salvação em Jesus Cristo. Ser missionário significava sair geograficamente da Europa, visando a expansão geográfica e religiosa da Igreja nos lugares que ainda não existia, levando a “*fé*” e “*civilização*” assim como a própria cultura. Era uma missão eurocêntrica e colonialista.

Até os dias de hoje se usam os termos com ‘pagãos’, ‘infieis’ ou ‘não-cristãos’. Ainda tem quem vê as outras religiões como manifestações humanas e idolátricas. Usar a palavra, “não-cristãos”, para dirigirmos às outras religiões não é adequada, porque nós cristãos também somos os “não-hindus” os “não-budistas e os “não muçulmanos”. Devemos chamar as pessoas a partir da autoconcepção, não a partir da compreensão alheia, com frequência preconceituosa (DUPUIS, 2004, p. 23). De qualquer maneira, falar de salvação para os “não-cristãos”, fora da igreja católica, sempre foi uma situação não bem resolvida, já que a teologia cristã pensa o cristianismo como o meio universal da salvação. “*As vias de salvação são predispostas por Deus e não pelos próprios seres humanos*” (DUPUIS, 2004, p. 213). No lugar de falar que fora da Igreja não há salvação é melhor dizer que “fora do mundo não há salvação”, já que os cristãos na Igreja não são os proprietários nem de Deus, nem da Salvação, são apenas testemunhas do Reino de Deus (GEFFRÉ, 2013, p. 275).

Enfatizamos que a ação missionária foi realizada a partir da visão colonialista e eurocêntrica, nos mesmos navios que viajavam os missionários iam os colonizadores. A missão era parte da expansão colonial da Europa para o resto do mundo. Até poucos anos também era possível dizer os lugares onde não se conhecia a Jesus Cristo, isto é, a missão *ad gentes*

na mentalidade da cristandade, coincidia com a missão ad extra, em territórios culturalmente não-cristãos. Extensão rimava com expansão da Igreja. Hoje, parece impor-se como realidade em qualquer lugar, particularmente nos contextos de antiga tradição cristã (RASCHIETTI, 2011, p. 22).

No geral, os países não-cristãos estavam fora da Europa, portanto os missionários saíam do primeiro mundo para o terceiro mundo. Ser missionário significava sair da própria terra. Esta concepção geográfica marcou a história da missão. Os povos conquistados e dominados, eram vistos e postos em uma inferioridade natural. Porém, atualmente pode suceder o contrário, isto é, querer ser missionário *ad extra* para buscar vantagens pessoais e conforto familiar, que talvez não seja encontrado no próprio país; saindo do terceiro mundo para o primeiro mundo.

O mundo está globalizado, não existe a separação de um mundo cristão e não-cristão. A própria Europa foi secularizada, inclusive recebe grande fluxos migratórios formando um pluralismo religioso. O conceito da missão mudou e se sabe que a missão está em todo lugar. Esta realidade desafia o *ad extra*, de aí vem a questão: ainda é necessário sair da própria terra para ir ao encontro dos “não-cristãos” quando eles batem à porta? Claro, que para as congregações exclusivamente missionárias é necessária a saída, de acordo com as normas internas, para viver o desafio *ad extra*, olhando para os pobres e migrantes que estão em todos os lugares. Embora o princípio pode haver sido enfraquecido, em alguns institutos missionários, que estão enfrentando a crise do envelhecimento, falta de vocações, saída do instituto dos jovens, falta de identidade, entre outros aspectos que parecem ser irreversíveis. Na atualidade, o *ad gentes* pode ser encontrado em todo lugar, mas não deve afetar a validade fundamental do *ad extra*. É necessário, no entanto, sondar seu significado profundo com uma nova visão. Devemos de colocarmos em uma dimensão de “itinerância” não apenas de acordo com a dimensão geográfica, mas também no sentido de maior liberdade, disponibilidade e até pobreza. “itinerância” significa estar em movimento com a capacidade de não se fixar em um único serviço ou atividade missionária. De acordo com o Papa Francisco a missão é sempre sair para defender a vida:

Saiamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui; (...) prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. (...) Espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos (EG 49).

De acordo com a citação anterior do Papa, a missão em saída significa deixar as próprias seguranças culturais, psicológicas, estruturas, entre outras tantas, para outra cultura, se enlameando por ter saído, em vista do primeiro anúncio. O desafio maior na saída é ser capaz de se inculturar, ser hospede na casa do outro, entrar

em outra cultura e mentalidade do povo que acolhe; é “*a ação do Espírito, faz-nos sair dos esquemas limitados*” (EG 272). O missionário em outra cultura e povo, antes de tudo, é hóspede assume as características culturais das pessoas que o acolhem, aprecia e aceita o que lhe é oferecido, qualquer que seja oferta, pois está em uma cultura diferente. Ser hóspede é consciência de saber sair, deixar e chegar. Não se pode aproximar para uma determinada cultura sem a disposição para o diálogo e para a acolhida do diferente.

O missionário é hospede em saída, na caminhada e no processo de inculturação, vive a abertura com o povo, com a cultura diferente, aprende o idioma local, respeita as tradições, os costumes, as crenças locais e a se inserir aos poucos na nova realidade (EG 69). Faz um longo itinerário com a nova cultura, onde compartilha a própria fé, cultura, costumes, no processo de encarnação. Deixa de lado os “preconceitos” ou influências culturais. Supera as tentações de acreditar de pertencer a uma cultura “superior”, assim como se liberta das pretensões de fazer parte de costumes e tradições mais “civilizadas” ou mais humanas, do que a cultura local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A missão *ad gentes* e *ad extra* necessita ter a consciência que ao longo da história esteve envolvida com o projeto colonial. A colonialidade ainda existe, está encarnada na pessoa por meio do pensamento e projetos de vida, consciente ou inconscientemente. A missão não é intrinsecamente colonial, mas esteve envolvida com a missão moderna colonial. Para descolonizarmos a missão é necessário fazer um processo demorado de desaprender e reaprender, um caminho de reflexão teológica e de prática cotidiana nas relações humanas. Nesse sentido a missão decolonial é desafiadora no processo de encarnação e inculturação.

O trabalho missionário precisa estar marcado pela gratuidade, sabendo relativizar elementos da própria cultura e reaprender com as pessoas na nova realidade. A empatia e a proximidade são cruciais para a construção de relacionamentos significativos e para que o anúncio do Reino seja eficaz. A abertura ao diálogo

com as diferentes religiões, costumes e culturas não só enriquece a própria compreensão da cultura ou religião, mas também promove a tolerância e o respeito mútuo. O respeito e o diálogo pelo diferente são essenciais para um trabalho eficaz.

A missão *ad gentes* tem como característica o primeiro anúncio a todos os povos e culturas, pela saída transcultural e pela opção preferencial pelos pobres, na atualidade a missionariedade paradigmática de toda Igreja, que vai se delineando em torno de novos rostos, estilos, conceitos, com o enfoque do primeiro anúncio, em um mundo globalizado. Não é possível ignorar o pluralismo de formas de ver e compreender a realidade cultural, religiosa e social, em que tudo está interligado como mercados, capitais, meios de comunicação.

Está claro que para as Congregações especificamente missionárias o *ad gentes* está ligado ao paradigma *ad extra* e *ad vitam* como missão específica do primeiro anúncio “*fora do próprio ambiente, cultura e Igreja de origem*” (C 9). Porém, mais que uma questão do lugar é a atitude de como se vive a missão. Não obstante, a missão deve ser realizada por todo batizado, de acordo com a própria realidade e possibilidades, seja como laico ou consagrado(a), tanto através da oração como da ação missionária, a exemplo de Santa Terezinha do Menino Jesus.

Sair do próprio país não é suficiente para viver a missão *ad gentes* e *ad extra*, mas é necessário. Sair fisicamente é o primeiro passo, mas se precisa de uma saída efetiva e afetiva para entrar na cultura do outro, se fazendo hospede na casa do outro. Enfim, hoje, mais que nunca no mundo globalizado, é fácil através do uso das redes sociais sair geograficamente do país e estar virtualmente ligado com as realidades do país de origem. As novas tecnologias são necessárias e uteis, mas não podem as redes ser um limite para a missão, e sim ser usadas como uma força.

PARA REFLETIR

- Qual é o significado da missão *ad gentes*, *ad extra* e *ad vitam* na atualidade?
- Como estamos promovendo a transformação missionária e decolonial da Igreja defendida pelo Papa Francisco?
- Onde os pobres destinatários e protagonistas privilegiados do Reino?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTO XVI. **Carta Encíclica Spe Salvi**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BEVANS, S.; SCHROEDER, R. **Diálogo Profético**. Reflexões sobre a missão cristã hoje. São Paulo: Paulinas, 2016.
- DUPUIS, J. **O Cristianismo e as religiões, do desencontro ao encontro**. São Paulo: Loyola, 2004.
- FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GEFFRÉ, C. **De Babel a Pentecostes**. São Paulo: Paulus, 2013.
- JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Redemptoris Missio**. São Paulo: Loyola, 1991.
- MISSIONÁRIOS XAVERIANOS. **Constituições e Regulamento Geral**. Curitiba, 1982
- MOLTMANN, J. **La Iglesia en la fuerza del Espíritu**. Salamanca, 1978.
- RASCHIETTI, S. O presbítero e a missão. In. **Encontros Teológicos** n. 60 Ano 26 / n. 3 / 2011, p. 9-30.
- SUESS, P. A missão da Igreja no mundo. Repensar fundamentos, heranças e dimensões 30 anos depois do Decreto “Ad gentes”. In. **Vida pastoral**, n. 184, 1995, pp. 9-20.
- VILLASEÑOR LOPEZ, R. A questão Salvífica no paradigma do pluralismo religioso. **Caderno CEMLA**, n. 07, 2020, p. 108-126.